

UMA ANÁLISE DA PAISAGEM NAS CANÇÕES DE ZECA PRETO

Suênia Kdidija de Araújo Feitosa (UFRR)¹

Resumo: A proposta deste texto é analisar as representações da pluralidade do Estado de Roraima nas canções de Zeca Preto, pois tais representações revelam aspectos da paisagem cultural. Nesse sentido, pretende-se identificar de que forma Zeca Preto retrata a diversidade dos aspectos naturais e das identidades em suas canções ao empregar, ao mesmo tempo, o olhar da contemplação dos elementos materiais e a experiência da convivência nesse lugar de diversos contatos, de muitos encontros.

Palavras-chave: Pluralidade; Roraima; Paisagem; Identidade

O Estado de Roraima, de acordo com Magalhães (MAGALHÃES, 2008, p. 25), possui uma área física de 224.298,9 km² e está localizado no Hemisfério Norte; ao sul, o Estado é cortado pela linha do Equador e tem limites comuns, ao norte, com a Venezuela e a República Cooperativista da Guiana; ao sul, com o Estado do Amazonas; a leste, com a República Cooperativista da Guiana e com o Estado do Pará; ao oeste, com o Estado do Amazonas e com a Venezuela. Diante do exposto, podemos afirmar que a diversidade fronteiriça de Roraima revela uma diversidade paisagística e, conseqüentemente, uma diversidade identitária, já que o Estado está em “permanente contato com os estrangeiros da vizinhança” (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009. p. 27), além de receber pessoas de várias partes do País, principalmente da Região Nordeste. E, é sobre essas duas diversidades – na paisagem e na identidade - que nos debruçaremos para discutir sobre suas representações a partir da canção *Roraimeira*, do poeta Zeca Preto, um dos principais representantes de um movimento cultural ocorrido na década de 1980, que buscou, entre outros objetivos, discutir a questão da identidade roraimense. A canção de Zeca Preto deu nome ao movimento, pois segundo Oliveira; Wankler; Souza (2009), essa foi a primeira canção que buscou retratar as identidades locais.

Torna-se importante ressaltar que entendemos paisagem neste estudo enquanto “matriz cultural” (CLAVAL, 1992 apud CORRÊA, 1995, p. 5), pois seus elementos “servem como mediação na transmissão de conhecimentos, valores ou símbolos” e dessa maneira tem a função de “transferir de uma geração a outra o saber, crenças, sonhos e atitudes sociais”. Partindo dessa perspectiva, entendemos que a paisagem, ao transmitir conhecimentos, valores e principalmente símbolos, contribui para a construção de

¹ Graduada em Letras (UFRR); Mestre em Letras (UFRR); Professora da Escola Agrotécnica da Universidade Federal de Roraima. Contato: suenia.kdidija@ufrr.br

identidades, pois de acordo com Woodward (WOODWARD, 2000, p. 8), “a identidade é marcada por meio de símbolos”. Diante disso, propomos aqui uma discussão sobre as representações construídas pelo poeta Zeca Preto acerca da paisagem cultural do nosso Estado, evidenciando as relações de interpenetração entre as nossas paisagens físicas e as identidades.

Propomos a divisão deste texto em duas partes. A primeira aborda a paisagem física do Estado de Roraima, destacando seus aspectos plurais. A segunda trata das representações encontradas na canção *Roraimeira* acerca da paisagem do Estado enquanto “matriz cultural”, analisando nos versos as marcações simbólicas no que tange às identidades locais, tendo em vista que, de acordo com Hall (HALL, 1997), as identidades devem ser consideradas como construídas no interior da representação através de processos culturais. Diante do exposto, compreende-se a produção do Movimento Roraimeira como um processo cultural e nesse sentido, um processo que pode contribuir para a formação e transformação das identidades, pois, ainda de acordo com Hall (HALL, 1997, p. 26), “nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente.”.

Roraima: nossas paisagens

Costa e Souza (2005) utiliza a expressão “território alegórico” para descrever a diversidade da paisagem do Estado de Roraima. De acordo com o autor, o Estado é sancionado assimetricamente por mosaicos que compreendem serras, lagos, florestas de altitude, charcos, cerrados, etc. Porém, em relação aos cerrados presentes na paisagem do Estado citados por Costa e Souza (2005), Barbosa & Miranda (2005) afirmam que:

No âmbito regional, os termos *savana*, *cerrado* e *lavrado* identificam o mesmo tipo paisagístico em Roraima e poderiam ser integrados no Bioma do Cerrado brasileiro. Entretanto, por definição fitogeográfica, toda esta paisagem faz parte da ecorregião das ‘Savanas das Guianas’, que pertence ao Bioma Amazônia. Esta diferenciação é importante porque, embora ambos [savana e cerrado] possuam a mesma aparência e estrutura física, existem especificidades ecológicas e florísticas que distinguem as savanas do extremo norte amazônico dos cerrados situados em outras regiões do país (BARBOSA & MIRANDA, 2005, p. 61. grifo nosso).

Desse modo, Barbosa & Miranda (2005) salientam que existem diferenças entre cerrado e savana, apesar das muitas características que os aproximam. Como se nota na explicação dos autores, esses dois tipos paisagísticos pertencem a biomas distintos: o

cerrado pertence ao Bioma do Cerrado Brasileiro e a savana pertence à ecorregião das Savanas das Guianas, que está inserida no Bioma Amazônia. Em vista disso, as especificidades ecológicas e florísticas da vegetação aberta do Estado de Roraima são denominadas savanas.

Apesar de a savana ser uma das características principais do nosso Estado, e o termo ser muito utilizado por pesquisadores locais e de outras partes do País, Barbosa & Miranda (2005) afirmam que esse termo vem sendo substituído por outra palavra:

As formações não-florestais são comumente denominadas por '*lavrado*', um termo muito comum entre os habitantes locais e que vem sendo utilizado com mais frequência desde o início dos anos 1900 (BARBOSA & MIRANDA, 2005, p. 61. grifo nosso).

É realmente comum no âmbito local a utilização do termo "lavrado" para se referir às características naturais do Estado. A palavra está presente no cotidiano de muitos discursos dos povos de Roraima, além de se fazer presente nos versos das produções poéticas locais.

Em relação à diversidade paisagística em Roraima, Barbosa & Miranda (2005) ressaltam que "as áreas de savanas também se apresentam em forma de mosaicos" (BARBOSA & MIRANDA, 2005, p. 61). Diante do exposto, nota-se que além do caráter plural existente no Estado em relação aos elementos de sua paisagem (savanas, serras, lagos, florestas de altitude e charcos), as savanas de Roraima também são diversificadas, sendo denominadas de "mosaicos" pelos autores, tendo em vista que existem muitas peculiaridades florísticas na extensão das sanavas roraimenses.

Outro pesquisador que destaca o caráter plural da paisagem roraimense é Guerra (GUERRA, 1994, p. 54 apud VERAS, 2009), ao afirmar que a paisagem física de Roraima pode ser classificada da seguinte forma:

- 1) Região do Baixo Rio Branco: caracterizada por apresentar terrenos geologicamente recentes e topografia monótona. A cobertura vegetal dessa região é de densa floresta do tipo Hiléia. Essa é a única área de Roraima que possui os mesmos caracteres da Amazônia, é um prolongamento da planície no sentido norte. Trata-se de uma área de extração vegetal.
- 2) Região do Alto Rio Branco: compreendendo as terras do vasto penepiano que está coberto com a vegetação de campos. A topografia também é monótona, não apresentando grandes contrastes de altitude.

- 3) Região Montanhosa: constituída pelas serras do sistema Parima-Pacaraima, isto é, pelas serras que existem ao longo da fronteira com a Guiana (GUERRA, 1994, p. 54 apud VERAS, 2009).

Desse modo, são várias as paisagens que podem ser encontradas no Estado de Roraima, desde topografias monótonas cobertas por florestas densas até regiões montanhosas formadas por grandes e exuberantes serras. E muitos desses “cenários vivos” estão representados nos versos da literatura local, principalmente na produção lítero-musical do Movimento Roraimeira. Em face disso, as produções poéticas do Movimento são terrenos férteis para discussões sobre a nossa paisagem enquanto “matriz cultural”, tendo em vista que nessas poesias não encontramos apenas elementos de contemplação da paisagem física do Estado, pois em muitos desses versos se fazem presentes também representações das identidades locais, que são formadas e transformadas pela mediação dos elementos da paisagem natural (além de outros aspectos).

A canção *Roraimeira* e a representação da nossa “matriz cultural”

Antes de iniciarmos a discussão sobre as representações construídas pelo poeta Zeca Preto na canção *Roraimeira* acerca da paisagem cultural de Roraima, torna-se necessário apresentar o conceito de representação adotado por este estudo. Assim, a definição pertinente nesta discussão é a desenvolvida por Silva (2000), que, ao fazer uma breve análise do contexto histórico do conceito de representação, conclui que “a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido” (SILVA, 2000, p. 91). Desse modo, podemos afirmar que a letra da canção *Roraimeira* pode ser considerada como uma forma de atribuição de sentido à identidade cultural local à medida que representa os processos de interpenetração entre paisagens e identidades, como veremos no decorrer desta segunda parte do texto.

É pertinente também uma breve contextualização acerca do Movimento Roraimeira, para que possamos compreender algumas atitudes estético-culturais presentes na canção do poeta Zeca Preto.

O Movimento pode ser dividido em duas fases: a primeira dedicada “à exaltação estética da paisagem natural e das culturas do povo” (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009, p. 30), fase fortemente marcada pelo desejo de construção de uma identidade local; e a segunda, “voltada para manifestações críticas acerca dos problemas da região”.

O poeta Eliakin Rufino, outro importante membro do Movimento, cedeu uma entrevista à Revista RAIZ no ano de 2006. Nessa entrevista, Eliakin falou sobre os objetivos do Movimento. Desse modo, torna-se proveitoso analisar algumas considerações de um dos fundadores do Movimento sobre os principais aspectos presentes na produção lítero-musical do Roraimeira:

Outros artistas, de outras linguagens artísticas, que também utilizavam a temática local nas suas obras, se juntaram a nós: nasceu aí o Movimento Cultural Roraimeira, inspirado no Movimento Modernista e no Movimento Tropicalista, com o objetivo de construir uma estética local e começar a esboçar e revelar uma identidade cultural para o povo de Roraima.

O poeta Eliakin afirma que o Roraimeira buscou influência no Movimento Modernista, que tinha como um de seus principais objetivos a construção de uma identidade nacional a partir da diversidade cultural do País. Como é sabido, o objetivo principal do Roraimeira também era a constituição de uma identidade (roraimense) a partir da diversidade, do “pluralismo cultural” (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009).

Em relação ao *Movimento Tropicalista*, citado na fala do poeta Eliakin, Esperandio (2007) afirma que esse movimento põe em prática a *Antropofagia*, uma das principais correntes do Modernismo e, segundo a autora “um conceito utilizado (...) para caracterizar uma atitude estético-cultural de ‘devoração’ e assimilação dos valores culturais estrangeiros de forma crítica, valorizando ao mesmo tempo, os elementos da cultura nacional” (ESPERANDIO, 2007, p. 18). Em vista disso, ao se tomar conhecimento da inspiração modernista no Roraimeira, compreendem-se muitas das atitudes estético-culturais antropofágicas do nosso Movimento, como por exemplo, a exaltação da diversidade cultural do Estado por um lado e por outro, a valorização dos elementos da cultura local.

Nota-se, ainda, na fala do poeta a fonte de inspiração para as produções do Movimento: “a temática local”. Em face disso, a partir dos elementos da (s) cultura (s) roraimense (s), o grupo construiu várias representações da paisagem natural, dos povos e de seus costumes, como podemos observar na canção *Roraimeira*, de Zeca Preto, selecionada para este estudo:

Te achei na grande América do Sul/ Quero atos que me falem só de ti/ Em tua forma bela e selvagem/ Entre os dedos o teu barro, o teu chão/ E em tuas férteis terras enraizar/ A semente do poeta Eliakin/ nos seus versos inerentes / ao amor/ Aves ruflam num arribe musical/Os teus seios grandes serras/ Grandes lagos são teus olhos/ Tua boca dourada, Tepequém, Suapi/ Terra do Caracaranã, do caju, seriguela/ Do buriti, do caxiri, Bem-Querer/ Dos arraiais do meu Hi-fi/ Da morena bonita do aroma de patchuli/ O teu importante rio chamado Branco/ Sem preconceito de um negro ele aflui/ És Alice nesse país tropical/ De um cruzeiro norteando as estrelas/ Norte forte, macuxi, roraimeira/ Da coragem, raça, força garimpeira/ Cunhantã roceira tão faceira/ Diamante, ouro, amo-te poeira (Roraimeira, Zeca Preto).

Percebe-se que no primeiro verso da canção, o eu do poema utiliza o verbo “achei”, para se referir à sua chegada ao Estado. Nesse sentido, nota-se que Roraima é comparado a um tesouro encontrado, pois a expressão “achei” pode ser entendida como um modo de traçar um discurso inaugural, uma forma de dar a notícia do *achamento*, à maneira de Pero Vaz de Caminha. No decorrer da canção, essa interpretação ganha fôlego, pois os elementos da paisagem local são exaltados pelo eu do poema: “*Em tua forma bela e selvagem*”. Nesses versos, a beleza da terra é exaltada juntamente com o seu aspecto selvagem, o qual podemos relacionar com as florestas presentes na Região do Baixo Rio Branco, de acordo com Guerra (1994).

Na canção, a Região Montanhosa também é representada, o poeta utiliza figuras do corpo humano para descrever essa paisagem que lhe inspira o olhar: “*Os teus seios grandes serras/ Grandes lagos são teus olhos/ Tua boca dourada, Tepequém, Suapi*”. Portanto, os mosaicos que compreendem serras e lagos também se fazem presentes na canção. E, quando o poeta utiliza a expressão “*boca dourada*” para se referir à “*Tepequém*” e à “*Suapi*”, verifica-se alusão ao garimpo, pois essas são regiões do Estado onde ocorriam atividades mineradoras em busca de ouro e diamante.

No seguinte verso da canção: “*Terra do Caracaranã, do caju, seriguela/ Do buriti, do caxiri, Bem-Querer*”, estão representadas frutas típicas do Estado e que são muito comuns nas áreas de formações não-florestais, ou seja, nas savanas, ou lavrados, termo mais utilizado em Roraima, conforme evidenciaram Barbosa & Miranda (2005).

A representação da paisagem cultural de Roraima é construída por Zeca Preto, em *Roraimeira*, tendo como marca principal o pluralismo. Em vista disso, o poeta exalta a diversidade da paisagem do Estado, destacando tanto seus elementos naturais, quanto as

suas identidades culturais. Assim, ao analisarmos a canção, notamos a representação de três grupos culturais, pois o poeta encontra espaço para representar o pluralismo cultural do Estado utilizando-se dos procedimentos de diferenciação entre esses grupos. Sobre essa questão, Cuche (2002) faz a seguinte afirmação: “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato” (CUCHE, 2002, p. 182). Posto isso, na canção *Roraimera*, temos a representação de diferentes grupos que convivem e fazem parte da paisagem cultural roraimense.

A primeira sugestão de identidade cultural representada na canção encontra-se no seguinte verso: “*Da morena bonita do aroma de patchuli*”. Patchuli é uma planta típica da região norte, porém, é no Estado do Pará que essa planta se destaca enquanto mercadoria cultural, sendo utilizada principalmente na fabricação do famoso Perfume de Patchuli e na produção de artesanato. Partindo desse pressuposto, podemos considerar que o poeta constrói a representação de uma migrante paraense, uma morena bonita que traz em seu corpo a essência de um importante elemento da cultura do Pará. Essa interpretação ganha fôlego ao nos remetermos ao Estado de origem do compositor, pois Zeca Preto é paraense, assim, é possível pensar que o poeta introduz na canção uma representação identitária de sua terra natal, marcando a presença do grupo dos migrantes paraenses na paisagem de Roraima.

A segunda identidade cultural representada na canção pode ser percebida no verso que segue: “*Norte forte, macuxi, roraimera*”. O termo “macuxi” é frequentemente utilizado em Roraima como sinônimo de roraimense, ou seja, para designar todos àqueles que nascem no Estado. Todavia, existe outro significado para ao termo, pois *Makuxi* é o nome de uma das principais etnias indígenas do Estado.

No seguinte verso: “*Cunhantã roceira tão faceira*”, o poeta utilizou uma palavra indígena muito frequente no vocabulário roraimense (e também em outras localidades da região norte do País), a palavra *cunhantã*, que significa moça, na língua Tupi-Guarani e dessa forma é utilizada no Estado para se referir às moças em geral, não apenas indígenas. Notamos ainda que, ao utilizar o adjetivo “roceira”, o poeta faz alusão à atividade econômica básica dos Makuxi, pois, de acordo com Costa e Souza (2005):

A atividade econômica básica e fundamental entre os Makuxi, assim como o é de maneira geral entre as sociedades indígenas

situadas nas savanas, é aquela que resulta da prática tradicional do cultivo de roças familiares (COSTA E SOUZA 2005, p. 47).

Entretanto, cumpre ressaltar que a prática da roça familiar não é exclusiva da etnia Makuxi, conforme explica Costa e Souza (2005), pois é desenvolvida por outras sociedades indígenas, além de ser praticada também por sociedades não indígenas que habitam Roraima. Portanto, podemos considerar que nesse verso, tanto as indígenas da etnia Makuxi como as de outras etnias, além das moças não indígenas que praticam a roça familiar, estão retratadas na canção de Zeca Preto.

O terceiro grupo cultural representado na canção *Roraimeira* encontra-se no verso: “*Da coragem, raça, força garimpeira*”. O poeta introduz nessas linhas a representação do garimpo, que de acordo com Veras (2009), provocou uma mobilidade intensa de grupos não indígenas para algumas regiões de Roraima, como as regiões do rio Cotingo, Mau, Suapi e Tepequém, no início do século XX. Sobre essa mobilidade, Oliveira; Wankler; Souza afirmam que “na década de 1980, (...) a cidade de Boa Vista passa a sofrer um ‘boom’ populacional ocasionado pelo significativo fluxo de pessoas motivadas pelo garimpo de ouro e o sonho do enriquecimento rápido” (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009, p. 31). Os autores ainda destacam que entre o período de 1987 a 1990, a população da cidade de Boa Vista quase dobrou, devido ao fluxo migratório em busca da garimpagem.

Então, a partir dessa situação de migração, compreende-se que o garimpo trouxe para Roraima uma gama de tradições culturais diversas, colocando em contato várias identidades migratórias entre si e com as que já habitavam o Estado. Partindo desse pressuposto, ao invés de classificar os garimpeiros enquanto um grupo cultural, seria mais interessante classificá-los como um grupo de culturas que transformaram a paisagem cultural do Estado de Roraima.

Posto isso, infere-se que Zeca Preto traz em sua canção a representação que exalta a presença do garimpo em Roraima, utilizando-se das palavras “*coragem*”, “*raça*” e “*força*” para marcar esse grupo que contribuiu para o pluralismo cultural do Estado.

A partir de todas as questões discutidas neste texto, podemos considerar a canção *Roraimeira* como uma rica representação da pluralidade do Estado, pluralidade que se desenha na canção no que tange à paisagem cultural. Nesse sentido, o poeta Zeca Preto exalta a diversidade dos aspectos naturais e das identidades, empregando, ao mesmo

tempo, o olhar da contemplação dos elementos materiais e a experiência da convivência nesse lugar de diversos contatos, de muitos encontros. Podemos, ainda, pensar que Zeca Preto, talvez involuntariamente, cria um conceito de paisagem, a paisagem plural, da mesma forma que a personagem Rita, do conto *A Cartomante*, de Machado de Assis, traduz *Hamlet* sem saber, conforme nota-se no trecho que segue:

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo (...). Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo (MACHADO DE ASSIS IN COSTA, 2002, p. 237).

Destarte, sem saber das teorias culturalistas que somente foram mais difundidas no Brasil por volta do ano 2000, Zeca Preto já dava indicações de trabalhar a ideia de identidade na sua prática poética. Sem conhecimento teórico do que fosse paisagem cultural, o poeta, a partir de seus versos, constrói um novo conceito: a paisagem plural, que exalta a diversidade dos nossos mosaicos, do nosso “território alegórico”, das nossas identidades.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. *A Cartomante*. In: COSTA, Flávio Moreira Da (Org.). **Os cem melhores contos de crime e mistério da literatura universal**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2002.
- BARBOSA, Reinaldo Imbrozio; MIRANDA, Izildinha de Souza. Fitofisionomias e diversidade vegetal das savanas de Roraima. In: BARBOSA, R. I.; COSTA E SOUZA, J. M.; XAUD, H. A.M. (Orgs.). **Savanas de Roraima: etnoecologia, biodiversidade e potencialidades ambientais**. Boa Vista: FEMACT, 2005.
- CLAVAL, Paul (1992) Apud CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e Cultura**, Ano I, p. 1-21, outubro de 1995.
- COSTA E SOUZA, Jorge Manuel. Etnias indígenas das savanas de Roraima: processo histórico de ocupação e manutenção ambiental. In: BARBOSA, R. I.; COSTA E SOUZA, J. M.; XAUD, H. A.M. (Orgs.). **Savanas de Roraima: etnoecologia, biodiversidade e potencialidades ambientais**. Boa Vista: FEMACT, 2005.

CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. Ed. São Paulo: EDUSC, 2002.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **Para entender pós-modernidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007

GUERRA (1994) Apud VERAS, Antônio Rezende Tolrino. Processo de Ocupação do Vale do Rio Branco (cap. I) **A Produção do Espaço Urbano de Boa Vista- Roraima**. São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Geografia Humana) _ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, 22 (2), jul./dez. 1997.

MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias. Pano de fundo: a Amazônia brasileira. In: **Amazônia, o extrativismo vegetal no sul de Roraima: 1943-1988**. Bia Vista: EDUFRR, 2008.

OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro. Identidade e Poesia Musicada: Panorama do Movimento Roraimeira a partir da cidade de Boa Vista como uma das Fontes de Inspiração. **Revista Acta Geográfica**, ano III, nº6, jul./dez. de 2009. p.27-37.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In T.T da Silva (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VERAS, Antônio Rezende Tolrino. Processo de Ocupação do Vale do Rio Branco (cap. I) **A Produção do Espaço Urbano de Boa Vista- Roraima**. São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Geografia Humana) _ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma discussão teórica conceitual. In T.T da Silva (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.